

A enfermidade do amor em Lucrecio e Catulo

The disease of love in Lucretius and Catullus

José Carlos Silva de Almeida

<https://orcid.org/0000-0002-9017-8755> - E-mail: jcdafilosofia@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo aponta que tanto Lucrecio quanto Catulo entendem o amor passiona! como uma enfermidade, assim como coincidem nas descrições de tal doenca em todas as suas etapas. O que é então que os separa? Onde está a confrontação entre eles? A resposta se encontra na atitude que cada um adota diante da enfermidade. Enquanto Lucrecio considera o amor passiona! como algo reprovável e que há de ser evitado ouvindo a razão, Catulo, ainda que esteja consciente dos efeitos negativos deste tipo de amor, não pode evitar se entregar a ele.

Palavras-chave: Enfermidade de Amor. Remédio. Lucrecio. Catulo.

ABSTRACT

The present article points out that both Lucretius and Catullus understand passionate love as an illness, as they coincide in the descriptions of such a disease in all its stages. What then is it that separates them? Where is the confrontation between them? The answer lies in the attitude that each one adopts in the face of illness. While Lucretius considers passionate love to be something reprehensible and to be avoided by listening to reason, Catullus, although aware of the negative effects of this type of love, cannot avoid surrendering to it.

Keywords: Disease of Love. Medicine. Lucretius. Catullus.

Introdução

Entre os poetas latinos do século I a.C., e aqui nos deteremos nos casos de Lucrecio e Catulo, a enfermidade do amor (*aegritudo amoris*) aparece como um tópico bastante difundido.

No tocante ao aspecto formal, tudo o que se refere à metáfora do amor como doença, que encontramos na poesia latina deste período, já se fazia presente na literatura grega, ou seja, nesta época o quadro sintomatológico não variava em geral de um autor a outro, pois a terminologia adotada para apresentar os sintomas já se encontrava firmemente estabelecida pelos gregos.

Na primeira metade do século I a.C., duas correntes de pensamento surgirão em Roma: a primeira representada pelo epicurismo de Lucrecio e a segunda por Catulo e seus seguidores, a saber, os poetas elegíacos. Ambas as correntes vão se envolver em um intenso debate de caráter filosófico sobre os efeitos negativos da paixão amorosa sobre o ser humano, declarando-se uns contra e outros a favor da mesma, mas influenciando-se reciprocamente. Deste confronto sairá uma visão totalmente diferente acerca da enfermidade do amor daquela que existia até o momento. Começaremos então com aquele que é o motor do debate: Lucrecio.

Lucrecio

É a partir dos ensinamentos de Epicuro, de quem é seguidor, que Lucrecio procura explicar uma grande quantidade de temas no seu poema *De rerum natura*. Um desses temas é o amor, ao qual ele dedica os últimos duzentos e cinquenta versos do livro IV. Ao longo desses versos, Lucrecio deixará claro que a paixão amorosa é uma doença muito perigosa, sobretudo para o equilíbrio mental do ser humano. À medida que fala sobre o amor, o poeta constrói a história clínica completa dessa doença seguindo todas as fases desde o trauma inicial, passando pela infecção até o colapso mental total, como se tratasse de uma infecção causada por uma ferida real. Ao mesmo tempo em que demonstra conhecer perfeitamente bem a tradição filosófica e literária anterior a respeito do amor, Lucrecio procurará atacar uma certa visão idílica acerca da paixão amorosa e de seus efeitos devastadores no apaixonado, valendo-se do epicurismo como fundamento para a sua argumentação contrária.

Lucrecio inicia a sua exposição a respeito do amor recorrendo à metáfora da “ferida de amor” tão utilizada pelos epigramatistas alexandrinos, especialmente Asclepiades e Meleagro. No entanto, levando ao extremo tal metáfora, Lucrecio estabelece um curioso paralelismo entre o sangue do guerreiro ferido e o sêmen do apaixonado. Conforme ele explica, assim como o sangue do guerreiro ferido salta em direção daquele que provocou a ferida e mancha o guerreiro inimigo, também o sêmen do apaixonado ferido pelo dardo de Vênus procura, ao ser expulso, o corpo que causou a ferida:

É excitado em nós aquele sêmen de que falamos
anteriormente, logo que a idade adulta dá firmeza ao nosso corpo.
Na verdade, cada ser é tocado e impressionado por algo
específico, e só a força de uma pessoa humana
desperta o sêmen humano para fora do homem.
Este, ao sair, ejetado, para fora de suas moradas,
retira-se do resto do corpo, atravessando os membros e órgãos,
concentra-se numa determinada região dos nervos e excita
imediatamente as próprias partes genitais do corpo.
Estas, estimuladas, ficam intumescidas com o sêmen e ocorre o anseio

de o expelir em direção ao objeto do violento desejo
[o qual excita, estimulando os órgãos túrgidos pela abundância de sêmen]
e o corpo procura aquilo que feriu o espírito de amor.
Na verdade, todos e a maior parte caem sobre a ferida
e o sangue brota para o lado de onde sofremos o golpe,
e, se estamos em luta corpo a corpo, o líquido vermelho
atinge o inimigo; ora assim acontece também com aquele
que é atingido pelos golpes de Vênus:
se é rapaz, atira o seu golpe em direção aos membros mulheris;
se é mulher, lançando o seu amor de todo o corpo,
tende para o lugar de onde lhe veio a ferida e procura unir-se a ele
e lançar no corpo o humor que do seu corpo emana,
pois o mudo desejo pressagia o prazer (LUCRÉCIO, *DRN*, IV, 1037-1057,
p. 251)¹.

Alguns estudiosos da obra de Lucrecio estão de acordo ao assinalar que ao tomar a metáfora da “ferida de amor” literalmente e descrever os mecanismos da ejaculação de modo paródico, como se fosse a representação que o corpo faz da expressão romântica “ferida de amor”, ele desejaria demonstrar ao leitor o ridículo que resulta essa metáfora aplicada à realidade. Portanto, ao parodiar tal metáfora própria dos epigramatistas alexandrinos, o poeta filósofo quer deixar claro o seu desprezo por esse conceito romântico de amor como algo intrinsecamente agridoce que aqueles preconizavam.

Nos versos subsequentes, Lucrecio aborda a fase seguinte da doença, a saber, a infecção. E para introduzir o assunto, ele recorre a uma imagem tipicamente romântica: a gota de doçura que Vênus introduz em nosso coração quando começa o enamoramento:

Esta é Vênus para nós, daqui vem o nome de amor,
daqui pela primeira vez se instilou no nosso coração
aquela gota da doçura de Vênus
a que depois se sucedeu a fria preocupação (LUCRÉCIO, *DRN*, IV,
1181-1190, p. 257).

Todavia, logo nos damos conta de que uma vez mais Lucrecio faz esta referência de modo satírico já que seguidamente aquilo que ele recomenda é justamente o contrário, ou seja, afastar-se dessas imagens idealizadas do amor que são as que provocam efeitos negativos no ser humano, e ao contrário:

... convém fugir dos simulacros e afastar de si
os alimentos do amor e voltar o espírito para outras coisas,
descarregar o humor acumulado contra uns corpos quaisquer
e não o reter, votado de vez ao amor de uma só pessoa,
e guardar para si uma aflição e uma dor inevitável.
Na verdade, a chaga aviva-se e torna-se crônica se a alimentamos
e daí a loucura cresce de dia para dia e agrava-se o sofrimento,
se não desfizeres as primeiras feridas com novos golpes
e não a curas, enquanto está fresca, distraíndo-te com uma
Vênus vagabunda,
ou não fores capaz de passar os movimentos do espírito para outra
coisa (LUCRÉCIO, *DRN*, IV, 1064-1072, p. 251).

¹ Todas as citações do *De rerum natura* seguem a tradução de Luís Manuel Gaspar Cerqueira pela Relógio D'Água Editores.

Daqui em diante o restante do poema pode ser interpretado como a apresentação de alguns pequenos remédios de amor (*remedia amoris*), que parecem constituir uma antecipação daqueles que mais tarde escreverá o poeta Ovídio. E a primeira cura para o amor que Lucrécio propõe, observada no passo anterior, é precisamente algo que se distancia por completo do romantismo e idealismo que assinalava toda a literatura anterior que tratava do tema: o poeta filósofo recomenda, como remédio para não sofrer por uma única pessoa, não pensar nela somente, em vez disso espairar com qualquer outro corpo ainda que não seja o amado. Mas ele não para aí. Ele aconselha abertamente que se recorra às prostitutas, solução realista e crua que, à primeira vista, pode parecer resultado do anseio de Lucrécio por atacar o romantismo vigente na literatura daquela época, no entanto é completamente coerente com a filosofia epicurista que ele defende. E se o amor na perspectiva do epicurismo é uma doença, é porque relaciona os conceitos de liberdade e prazer, fundamentais à moralidade epicurista, de forma excludente e, ao não poder alcançar nenhum dos dois conceitos, nasce uma obsessão e a alma não resta saudável, mas sim enferma.

E aquele que evita o amor não deixa de fruir dos frutos de Vênus,
mas antes goza de prazeres que não comportam sofrimento;
na verdade, é por isso que é certamente mais pura a volúpia
para os sãos do que para os que estão doentes de paixão.
Com efeito, o ardor dos amantes flutua, na própria ocasião da posse,
em incertas hesitações, não sabendo com firmeza como hão de
ter prazer primeiro, se com os olhos se com as mãos.
Aquilo a que se lançam, apertam-no estreitamente e provocam dor
no corpo, forçam os dentes contra os lábios,
magoam com beijos, porque não se trata de simples volúpia
e estão subjacentes estímulos que instigam a magoar aquilo mesmo,
seja o que for, de onde provém aqueles gérmes de furor (LUCRÉCIO,
DRN, IV, 1072-1083, p. 253).

Partindo do princípio de que o prazer é o critério do bem, Lucrécio distingue claramente entre o que é o desejo físico e sua realização, que é algo prazeroso em si, do amor como um estado psicológico, e aconselha evitar este último porque o prazer que proporciona não é puro. Uma atitude de certa independência em relação ao amor seria a que proporcionaria mais possibilidades de ser feliz e concederia menos oportunidades à paixão para desdobrar seus efeitos devastadores. Em primeiro lugar, Lucrécio oferece como solução para este problema recorrer a uma prostituta (Vênus vagabunda), visto que com ela se pode alcançar um prazer puro e manter ao mesmo tempo a liberdade, de modo que a paixão sexual com uma prostituta se limita a um momento de gozo e não se transforma em uma obsessão doentia.

Se a esta altura ainda não tenhamos compreendido sua mensagem, alguns versos mais adiante Lucrécio nos oferece uma comparação para que entendamos melhor aquilo que ele quer nos dizer:

Tal como quando em sonhos alguém sequioso procura beber
e não lhe é dada bebida que possa extinguir o ardor do corpo,
mas corre atrás de simulacros de líquidos e em vão se afadiga
e tem sede no meio de uma caudalosa torrente em que procura beber,
assim também no amor Vênus engana os amantes com simulacros
e estes não conseguem saciar-se olhando de frente os corpos
nem podem arrancar algo dos frágeis membros,
percorrendo com as suas mãos em desvario todo o corpo (LUCRÉCIO,
DRN, IV, 1097-1104, p. 253).

No passo citado, Lucrecio retoma a noção de simulacros (*simulacra*). Para o poeta filósofo, a paixão amorosa nos faz forjar em nossa mente uma imagem idealizada da pessoa amada, de modo que, ainda que somente mais tarde consigamos nos unir a ela, vamos fazê-lo com a pessoa mesma, não com a imagem ideal que dela havíamos forjado e com a qual não poderemos saciar a paixão despertada por essa imagem e sempre estaremos doentes.

Por fim, quando o desejo concentrado nos nervos força a sua saída, ocorre brevemente uma pequena pausa na violência da paixão.
Depois regressa a mesma raiva e o mesmo frenesim, quando procuram alcançar aquilo que desejam.
E não são capazes de encontrar artimanha alguma que vença este mal, a tal ponto definham, desvairados, devido a sua ferida invisível (LUCRÉCIO, DRN, IV, 1115-1120, p. 255).

Em seguida, Lucrecio dedica alguns versos a nos explicar quais são as consequências negativas da paixão amorosa:

Acrescenta a isto o fato de consumirem as suas energias e andarem a morrer de cansaço.
Acresce o fato de passarem a sua vida à mercê dos caprichos de outrem. As suas obrigações são descuradas, a reputação, vacilante, sofre estragos, entretanto o seu patrimônio é delapidado, transformado em tapetes babilônios, reluzem os unguentos e nos pés brilham as sandálias de Sícion, grandes esmeraldas, de reflexos esverdeados, são engastadas em ouro, o tecido de púrpura é desgastado e bebe o suor de Vênus.
Os proventos honradamente arrecadados pelos antepassados são convertidos em diademas e mitras, outras vezes em mantos gregos, em tecidos de Alinda e Quios.
São preparados banquetes, com vestes luxuosas, bebidas abundantes, são preparados jogos, perfumes, coroas, grinaldas, em vão, porque do meio da fonte dos prazeres surge algo amargo, que aflige mesmo quando se está rodeado de flores, ou quando o próprio espírito, que tem consciência do que se passa, sente, eventualmente, remorsos de passar a vida ociosamente e de fenecer em lupanares ou porque ela lançou uma palavra que deixou ficar ambígua e que, cravada no coração apaixonado, queima como o fogo, ou porque ele acha que a sua amada fez olhinhos a outro e o olhou provocantemente, porque lhe descobre no rosto vestígios de um sorriso (LUCRÉCIO, DRN, IV, 1121-1140, p. 255).

O poeta filósofo aconselha claramente que evitemos de nos apaixonar para que assim nos poupemos de todos os sofrimentos, ainda que estes ocorram, como observado na citação anterior, em um cenário de amor fiel e afortunado:

E estes são os males que existem num amor fiel e muito favorável, mas no amor adverso e sem esperança há males inumeráveis, que até de olhos fechados se podem ver. Mais vale acautelar-se antes, através do processo que ensinei, e ter cuidado para não cair na armadilha.
De fato, evitar cair nas redes do amor não é tão difícil

como libertar-se das próprias redes, uma vez apanhado, e romper os poderosos nós de Vênus (LUCRÉCIO, DRN, IV, 1141-1148, p. 255).

Todavia, como o próprio Lucrecio afirma:

... ainda que enleado e amarrado, ainda assim
te será possível escapar ao inimigo, se não te atrapalhares
a ti mesmo, não reparando em todos os defeitos do espírito
ou do corpo daquela que procuras e queres.
Na verdade, é precisamente isto que fazem os homens
na maior parte das vezes, cegos pelo desejo, e atribuem
às suas amadas méritos que elas de fato não têm (LUCRÉCIO, DRN, IV,
1149-1154, p. 255; 257).

Para Lucrecio, o enamoramento nada mais é do que uma cegueira da capacidade de raciocinar do apaixonado, que lhe impede de ver com clareza a realidade da pessoa amada². E ele exorta o enamorado, em primeiro lugar, a estar consciente de que no mundo há muitas outras mulheres iguais ou melhores à amada; em segundo lugar, a pensar que se até então havia podido viver sem ela, agora não tem porque ser diferente; e, em terceiro lugar, a observar que a beleza não tem importância porque a bela e a feia fazem as mesmas coisas³, e tudo o que faz deveria ser em vão:

... porque tu tudo podes trazer para a luz com o teu espírito,
e descobrir as causas de todas aquelas risadas ou, se ela é de
bom caráter
e não guarda rancor, fazer vista grossa, por tua vez,
e ser indulgente com as fraquezas humanas (LUCRÉCIO, DRN, IV,
1088-1191, p. 259).

Se já é tarde e a pessoa caiu nas “redes do amor”, haveria, segundo Lucrecio, um tratamento para os efeitos negativos do amor. A esta altura já está claro que o poeta filósofo entende a paixão amorosa, ainda que seus sintomas sejam físicos, como uma enfermidade psicológica, que desestabiliza emocionalmente a pessoa e lhe faz perder o seu autocontrole. Lucrecio se propõe a sanar esta enfermidade utilizando a mente, a capacidade de raciocinar. O tratamento que recomenda se baseia em se valer da razão para “sair desse mundo ideal” em que parecia viver o poeta enamorado na lírica helenística e, por extensão, na poesia de amor romana de seus contemporâneos, sobretudo de Catulo.

E é aqui que retomamos uma vez mais a ideia de *simulacra* que mencionamos anteriormente. Não é casual que Lucrecio situe o seu discurso a respeito do amor, de sua enfermidade e de sua cura depois de nos ter falado acerca dos sonhos. O poeta filósofo deseja que entendamos que as imagens da pessoa amada que o amor cria em nossa mente não são menos falsas que os próprios sonhos. Portanto, se o amor é incrementado por uma ilusão, a solução, o remédio é superar essa ilusão e ver com clareza.

² Em *DRN*, IV, 1155-1170, Lucrecio apresenta várias situações reveladoras da “cegueira” da capacidade de raciocinar do apaixonado, que observa nos “defeitos” verdadeiras “virtudes”.

³ A esse respeito, vide Lucrecio (*DRN*, IV, 1171-1175).

Catulo

E o amante lacrimoso, deixado do lado de fora da porta,
muitas vezes cobre a soleira com flores e grinaldas
e unge as altivas ombreiras com perfumes, beija os batentes:
Se o deixassem entrar, bastaria um só bafo ao seu encontro, e procuraria
uma desculpa plausível para se pôr a milhas, e a rapariga longamente
desejada cairia das alturas ao ser alcançada,
e a elaborada elegia, longamente meditada, desabaria lá do alto.
E aí mesmo ele se recriminaria por causa da sua patetice,
ao perceber que tinha atribuído à sua amada mais do que é razoável
conceder a um ser humano (LUCRÉCIO, *DRN*, IV, 1058-1060, p. 251).

Há muitos estudiosos que acreditam ver no final do livro IV do *De rerum natura*, de modo particular no passo acima, uma resposta a um tipo de literatura que é característico da Roma contemporânea de Lucrecio, a chamada “poesia nova”, marcada por uma atitude diante do amor que o poeta considera “portadora de enfermidade”.

Na Roma da primeira metade do século I a.C., existiu uma elite de cidadãos que podia dedicar o seu tempo de ócio a ler e a escrever poesia amorosa. Desta elite, surgiu um novo movimento poético que se baseou na admiração pela literatura grega, especialmente em relação à Escola de Alexandria, e que se devotou à recuperação de temas gregos. São os chamados “poetas novos” ou “neotéricos”, cuja principal figura é Catulo. O que nos propomos a realizar, em primeiro lugar, é uma retomada da obra do poeta veronês considerando que nela está presente o tema da “enfermidade do amor”, para, em seguida, observar qual é o fundamento da crítica que Lucrecio dirige aos poemas catulianos, ainda que os versos destes não sejam expressamente indicados no livro IV do *De rerum natura*.

A ideia de que o amor é uma loucura ou enfermidade era um tema comum na Roma do I século a.C., e certamente não era uma exceção na poesia catuliana. Muito pelo contrário, a poesia de Catulo se encontra repleta de referências ao tópico. Ele alude com frequência: (1) A uma “louca paixão” – *Carmen* 15, 14; (2) À “loucura de amor” – *Carmina* 35, 12 e 45, 21; (3) A “querer ou amar loucamente” – *Carmina* 45, 3 e 104, 3; (4) A “sentir-se mal” – *Carmem* 38, 1-2; (5) A “consumir-se de amor” – *Carmem* 91, 6; (6) A “entregar-se a um cruel amor que atormenta” – *Carmem* 99, 11-12.

Mas são os poemas 50, 51, 64 e 68B aqueles em que a presença do tópico da “enfermidade do amor” se apresenta de modo mais significativo. No primeiro deles, Catulo se dirige ao amigo Licínio e lhe confessa que, depois de passar uma agradável noite compondo poesia, deixou sua casa tão excitado com sua finura e seus encantamentos que:

Nem a ceia me aprazia
nem meus olhos cobriam a paz do sono,
mas indômito em fúria no meu leito
eu me virava ansiando ver o dia,
falar contigo, estar contíguo a ti.
Porém, os membros lassos do trabalho,
depois de semimortos repousar,
a ti, meu caro, eu fiz este poema
e nele poderás ler minha dor (CATULO, *Carmem*, 50, 9-17, p. 100).

Estes sinais do amor (*signa amoris*), que a princípio parecem ter sido causados por um amor por Licínio, são em geral reconhecidos pela crítica como a consequência do amor de

Catulo pelo novo tipo de poesia que o seu círculo de amigos ociosos cultivava, ou seja, trata-se da transferência da linguagem típica da “enfermidade de amor” ao campo da metapoesia, conseguindo assim uma interessante *variatio* do tópico. Também supõe uma interessante *imitatio cum variatione* o célebre poema 51 de Catulo:

Ele parece-me ser par de um deus,
ele, se é fás dizer, supera os deuses,
esse que todo atento o tempo todo
contempla-te e ouve-te

doce rir, o que pobre de mim todo
sentido rouba-me, pois uma vez
que te vi, Lésbia, nada em mim sobrou
de voz na boca

mas torpece-me a língua e leve os membros
uma chama percorre e de seu som
os ouvidos tintinam, gêmea noite
cega-me os olhos.

O ócio, Catulo, te faz tanto mal.
No ócio tu exultas, tu vibras demais.
O ócio já reis e ricas cidades
antes perdeu (CATULO, Carmem, 51, 1-16, p.102).

Este poema, que se acredita ser o primeiro que Catulo dedicou à sua amada Lésbia e que, portanto, recria o momento do “amor à primeira vista”, é uma adaptação do famoso poema 31 de Safo, considerado como o catálogo fundamental da Grécia arcaica sobre os *signa amoris*. As três primeiras estrofes são praticamente uma tradução do original grego ao latim. No entanto, a *variatio* chega na quarta e última estrofe em que Catulo se afasta de Safo chamando a atenção ao perigo que pode conter uma vida ociosa, vida propícia para a “enfermidade do amor”, que arruinaria o próprio Catulo como outrora o fizera a reis e cidades prósperas. Portanto, o poema 51 de Catulo, com esse último toque pessoal e romano que supõe a alusão à ociosidade como origem da “enfermidade do amor”, exercerá a partir de então, para a poesia amorosa latina, a mesma função que a de Safo para a poesia grega: a de referência, sendo esta concepção de “vida ociosa” um dos pilares fundamentais do ataque de Lucrecio à maneira de compreender o amor no círculo literário de Catulo.

O tópico da “enfermidade do amor” também tem uma importante presença no poema 64 de Catulo, que narra as bodas de Tétis e Peleu, e dentro deste relato a história de Ariadne e Teseu. É no contexto desta última narrativa que encontramos um quadro clínico completo da “enfermidade do amor” de Ariadne ao ser abandonada por Teseu:

Das algas, longe, olhinhos tristes, pétrea efígie
de bacante, ai! Remira-o a filha de Minos.
Remira e em grandes vagas de aflição flutua:
não prende a tênue mitra seus cabelos loiros,
não usa vestes, só no corpo um véu bem leve,
não levam lisa faixa os seus seios de leite.
Com tudo que desliza de seu corpo inteiro,
ante seus próprios pés, salinas ondas brincam.
Mas nem da mitra nem das vestes flutuantes

cuidara; em vez, Teseu, perdida, em ti pensava com peito inteiro, a alma inteira, inteiramente (CATULO, Carmem, 64, 60-70, p. 122).

Catulo também nos apresenta a cena do enamoramento de Ariadne quando vê Teseu pela primeira vez e tudo aquilo que ela logo sofre por ele, com clara referência ao tópico do “amor agri doce” no verso 95:

Assim que o viu com olhos cúpidos a filha do rei, à qual o casto e exíguo leito, em levas de suave olor, no abraço bom da mãe, criava, como, ao fluir, o rio Eurotas gera mirtos e a brisa primavera várias cores traz, ela dele os candentes olhos não tirou antes de receber no corpo todo a fundo a chama, e inteira arder nas íntimas medulas. Ah, cruel (pelo duro coração) menino sagrado! Tu misturas gozo e dor nos homens, e tu que reges Golgos e o frondoso Idálio, em que ondas atirastes a menina a arder, na mente, a desejar bastante o loiro hóspede! Que temores sentiu no brando coração! Quanto empalideceu!, bem mais que o brilho do ouro, quando, querendo contra um monstro atroz lutar, Teseu buscava a morte ou prêmios de sua glória (CATULO, Carmem, 64, 86-102, p. 123, grifo nosso).

Do mesmo modo que agradece a seu amigo Álio, no poema 68B, o auxílio que lhe prestou em suas relações com a amada (supostamente Lésbia), Catulo recorda também todo o sofrimento que esta lhe causou:

Pois a dor que me deu a dúplice Amatúsia sabeis e como fez para corroer-me, quando ardi tanto quanto as penhas da Trinácia e, no Eta, as águas Málias das Termópilas: tristes de assíduo choro os olhos consumiam-se e afundava-se a face em ondas míseras (CATULO, Carmem, 68B, 51-56, p. 140).

Porém, a importância de Catulo para o desenvolvimento do tópico da *aegritudo amoris* vai além da simples presença deste em sua obra, e não se pode entender se não se leva em conta, do mesmo modo que no caso de Lucrecio, o seu papel como agregador e fomentador de determinadas influências que favoreceram a presença da “enfermidade de amor”, isto é, como elemento fundamental na cadeia de transmissão do tópico da Grécia a Roma.

Como afirmado anteriormente, o grupo dos neotéricos, do qual Catulo é o máximo expoente, se caracterizou pela revisão da literatura grega clássica e helenística em seus temas e em suas formas. A poesia em Roma havia se limitado até aquele momento à poesia tradicional romana e à épica, gêneros que não eram muito propensos a mostrar os efeitos devastadores do sofrimento proporcionados pela paixão amorosa. Ao contrário, tudo o que caracteriza esta nova poesia helenizante é favorável à aparição do tópico da “enfermidade do amor”.

Em primeiro lugar, observa-se o gosto pelas formas literárias menores, muito mais adequadas para falar sobre temas amorosos, como são o epigrama (poema 50 de Catulo), o hino ou o epílio (poema 68B de Catulo), e que anunciam o que será anos mais tarde a elegia amorosa latina, também esta muito impregnada pelo tópico da “enfermidade de amor”. Em segundo lugar, nota-se o gosto pelas referências eruditas e, de modo especial, pelos temas mitológicos, que evidentemente são muito propensos a mostrar a “enfermidade do amor”, sobretudo, por meio da figura das heroínas. Esta era uma tradição na literatura grega que aparece, por exemplo, com Fedra no *Hipólito* de Eurípides ou Medeia em *As Argonáuticas* de Apolônio de Rodas. É próprio Catulo quem introduz tal tradição em Roma com o poema 64, no qual narra o abandono de Ariadne e seu sofrimento amoroso. Este poema dará lugar a toda uma tradição posterior de heroínas mitológicas que sofrem por amor como é o caso de Dido em *A Eneida* de Virgílio, Medeia de Valério Flaco, a Escila da *Ciris* pseudo-Virgiliana, a Medeia das *Heroides* de Ovídio e inúmeros casos das *Metamorfoses*, para ficarmos aqui apenas com alguns exemplos.

Por fim, destaca-se a originalidade na hora de imitar os grandes líricos gregos, os quais, como já sabemos, haviam tratado com profusão o tópico. Este dá lugar a *imitatio cum variatione* de numerosos poemas gregos que abordavam a questão em tela, como a conhecida adaptação do poema 31 de Safo que Catulo realiza em seu poema 51.

Todavia, a contribuição mais significativa que Catulo traz ao desenvolvimento do tópico da “enfermidade do amor”, a que lhe vai proporcionar mais oponentes como Lucrecio, mas também mais seguidores como os elegíacos latinos, é a de introduzir em Roma o gosto pelas coletâneas de poemas de amor subjetivos dedicados a uma *puella* amada, que era muito do gosto dos poetas alexandrinos, e sobretudo o novo tipo de relação com a amada que neles descreve o veronês. Sabemos que Catulo se enamorou de Lésbia (nome literário de Clódia) e que viveu com ela uma apaixonada e turbulenta história de amor que mudou a sua produção poética. Nessa translação literária de sua relação, Catulo altera a visão tradicional da relação amante-amado própria da literatura grega mediante uma concepção muito particular do conceito de *fides*, no qual a *domina* tem um poder total sobre o amante masculino porque este se declara totalmente dependente dela. Esta total submissão leva o poeta-amante não só a sofrer intensamente quando suspeita que sua amada não lhe é fiel, bem como a cair enfermo por causa do amor.

Lucrecio e Catulo

Ao final do livro IV do *De rerum natura*, aquilo que Lucrecio afronta é um determinado tipo de atitude romântica, passional e obsessiva diante do amor, que ele considera uma enfermidade por alterar o equilíbrio físico e psíquico do ser humano. Nesse sentido, a poesia de Catulo parece às vezes uma mera representação das ideias do filósofo epicureu contadas como se fossem experiências reais vividas em primeira pessoa. Os sofrimentos a que padece o tipo de amante a que Lucrecio critica são os mesmos que Catulo sofre. De fato, ambos os autores utilizam o vocabulário típico da “enfermidade do amor”, adaptando-o do grego para o latim na hora de descrever a paixão amorosa. E ainda que seja difícil demonstrar que houve alguma influência de um sobre o outro, é evidente que há uma correspondência entre o ciclo do amante catuliano e o do amante que Lucrecio descreve, de modo que todos as etapas que este observa de fora são descritos por Catulo a partir da experiência interior.

Do mesmo modo que fizera Lucrecio, Catulo nos mostra o “amor à primeira vista” ou a “ferida do amor”, e seus efeitos devastadores no amante, no poema 51 e, como já vimos, ele introduz na *variatio* final um elemento propriamente romano e muito importante para a concepção latina

da “enfermidade do amor”: o do ócio e sua periculosidade. É o ócio que o leva a pensar constantemente em sua amada, a ficar obcecado e a enlouquecer, sendo este ademais um perigo que Lucrecio também chama a atenção quando fala do cansaço do amante, do exaurimento de suas energias e do descuido com suas obrigações (Cf. LUCRÉCIO, *DRN*, IV, 1121-1124, p. 255).

A ideia de ociosidade dá lugar à segunda fase da enfermidade que ambos descrevem, que é a da paixão obsessiva e enlouquecedora, motivada pelas dúvidas acerca da fidelidade da amada, que corresponderia à fase de infecção em uma doença. É esta a fase a que Catulo faz referência no poema 68B, 51-56.

A terceira e última fase é a do desengano, na qual o amante toma consciência da realidade da relação com sua amada, da natureza doentia da mesma, e da necessidade de procurar curar-se dela. Esta fase pode ser observada sobretudo no poema 76 de Catulo:

Se ao homem que recorda os feitos bons de outrora
existe algum prazer ao ver que é pio,
que não faltou à fé jurada nem do nome
usou dos deuses por perder os homens
num pacto, a ti, Catulo, é grande, vida afora,
em paga, a dita deste ingrato amor.
Pois quanto os homens podem bendizer ou bem
fazer está por ti já dito e feito.
E tudo terminou confiado a um peito ingrato.
Por que então te torturas tanto assim?
Por que não firmas o ânimo e, senhor de si,
e deuses contra, deixas de ser triste?
Difícil é deixar súbito um longo amor.
É difícil, mas tenta como podes.
Só isto é salvação, isto tens de fazer.
Que o faças, se impossível ou possível.
Ó deuses, se é de vós ter pena ou se já a alguém
último auxílio destes na sua morte,
olhai-me triste e se uma vida levei pura,
arrancai-me esta peste e perdição,
que sub-reptícia qual torpor nos membros dentro
alegria expulsou do peito inteiro.
Eu já não quero de sua parte que me queira,
e – impossível – que venha a ter pudor.
Quero estar bem, deixar esta dor ruim. Deuses!
Isto me dai por minha piedade (CATULO, *Carmem*, 76, 1-26, p. 147,
grifo nosso).

Chegados a este ponto poderíamos indagar: se tanto Catulo quanto Lucrecio entendem esse tipo de amor passional como uma enfermidade, assim como coincidem nas descrições de tal doença em todas as suas etapas, o que é então que lhes separa? Onde está a confrontação? A resposta encontra-se na atitude que cada um adota diante da enfermidade. Enquanto Lucrecio considera o amor passional como algo reprovável e que há de ser evitado ouvindo a razão, Catulo, ainda que esteja consciente dos efeitos negativos deste tipo de amor, não pode evitar se entregar a ele. Tal atitude de Catulo aparece muito bem refletida e resumida no poema 72:

Outrora, Lésbia, tu dizias só existir
Catulo e a mim nem preferir ter Júpiter.
Então te quis, não como o povo quer amantes
mas como um pai os filhos quer e os genros.

Agora te conheço e bem que muito eu queime,
não vales tanto nem te levo em conta.
"Como?", dizes. Injúria tal leva quem ama
a amar bem mais, porém bem querer, menos (CATULO, *Carmem*, 72, 1-8,
p. 75, grifo nosso).

Catulo explica à sua amada que o maltrato que recebe dela diminui o amor, o carinho sincero que sente por ela, no entanto, aumenta a paixão e o desejo que ela lhe provoca. E ele não pode fazer nada para evitá-lo, visto que aquilo que norteia o seu coração é mais forte que aquilo que lhe aconselha a sua razão. Catulo resume, no poema 85, a explicação acerca dessa sua relação irracional com Lésbia, que mais tarde servirá como uma espécie de máxima para a poesia de amor em Roma, especialmente para os elegíacos, para quem, quanto maior for o sofrimento amoroso, mais forte se fazem o desejo e a paixão: "Odeio e amo. Talvez queiras saber 'como'? Não sei. Só sei que sinto e crucifico-me" (CATULO, *Carmem*, 85, 1-2, p. 150).

Referências

CATULO. *O Cancioneiro de Lésbia*. Tradução de Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: HUCITEC, 1991.

CATULO. *O Livro de Catulo*. Tradução comentada dos poemas de Catulo por João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: USP, 1996.

DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1977.

TITO LUCRÉCIO CARO. *Da natureza*. Tradução e notas de Agostinho da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Coleção Os Pensadores).

TITO LUCRÉCIO CARO. *Da Natureza das Coisas*. Tradução de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Relógio D'Água, 2015.

SAFO DE LESBOS. *Poemas e Fragmentos*. Tradução de Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2003.

Sobre o autor

José Carlos Silva de Almeida

Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1989), Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1992) e Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Antonianum - Roma (2005). Pós-Doutor em Filosofia Antiga pela UFMG (2019). Professor Associado IV do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará, atuando principalmente nas seguintes áreas: Filosofia Antiga, Ética e Ensino de Filosofia. Coordenador de Área do Subprojeto Interdisciplinar (Filosofia) - PIBID/CAPES/UFC. Coordenador do Mestrado Profissional em Filosofia - núcleo UFC.

Recebido em: 29/09/2022
Received in: 29/09/2022

Aprovado em: 27/10/2022
Approved in: 27/10/2022